



Não troque o caminho pelo atalho



Ruas de pequeno porte estão servindo de atalho para motoristas que fogem do tráfego intenso das avenidas

Moradores levantam pautas para nova gestão municipal
pág. 3

Problema com construção de edifícios no bairro São José
pág. 6

Entrevista: empresária concilia negócio e meio ambiente
pág. 7

Copa do Mundo de 2014: planos para receber o sonho
pág. 8

carta ao leitor

Em ritmo de campanha, candidatos aos cargos municipais começam a contactar a Pro-Civitas. Em número enorme, fica inviável discutir com todos os que pleiteiam o cargo de vereador seus projetos para a cidade e, mais especificamente, a Pampulha. Entretanto, aqueles que buscam assumir a PBH serão convidados a debatê-los com nossos moradores, e, caso aceitem, data, horário e local desse encontro lhes serão comunicados.

Já estamos escolhendo os assuntos mais importantes a serem discutidos. Nossos questionamentos deverão, certamente, permear temas recorrentes em nossos jornais, incluindo os dessa edição, que fala sobre trânsito, construções (uso do solo na Pampulha), meio-ambiente, poluição, etc. Há que se dar a merecida atenção ao planejamento urbano de nossa cidade, pois só temos perdido em qualidade de vida...

Por aqui, continuamos com nossas pequenas batalhas: reunião com nova gerente da BHTrans, ocorrida há pouco mais de um mês, alimenta nossa pequena esperança de que se ouçam as reivindicações daqueles que vivenciam o dia-a-dia da região, sofrendo os impactos da grande piora no trânsito local. Quem sabe, com uma mudança na gestão da cidade, as políticas mudem para algo verdadeiramente participativo? Afinal, a democracia só existe com um governo do povo, pelo povo e para o povo – pelo menos é o que a teoria nos ensina. E nossa percepção é a de que estamos distantes disso. Segundo Rui Barbosa, “a política não é uma maçonaria, e sim uma liça. (...) na administração de uma nação não se toleram escaninhos; no procedimento de seus servidores não cabe mistério”... Nossa experiência desses cinco anos mostra que a política municipal está realmente afastada disso. Não só pelos políticos, mas também pela ausência do cidadão. Há muito a se fazer para que mudanças ocorram; para isso, trabalhamos e esperamos contar com nossos associados e com os novos candidatos aos cargos públicos. Que esses últimos, ou pelo menos parte deles, sejam verdadeiramente idealistas e que busquem o bem da cidade e da maioria de seus habitantes, esquecendo interesses de pequenos grupos que prejudicam a maioria.

Anexamos um encarte no jornal, com detalhes de nossa festa junina, que repetiu o sucesso dos anos anteriores.

Boa leitura.

Juliana Renault Vaz
Presidente da Associação Pro-Civitas

cartas

Espaço de eventos

Compareci à reunião da Casa do Baile. Fiquei bem impressionado com as intenções do Sr. Lessa, da Administração Regional, de fazer realizar, no novo espaço, atividades como apresentações da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais e de grupos de teatro amador.

Tenho criticado bastante a construção deste espaço de “eventos” na nossa região, e talvez elas tenham sido excessivas.. Por outro lado, se as críticas são exageradas, minha preocupação não o é. Com a inauguração do “espaço Fleming” em novembro (o “batismo” é meu...), como foi anunciado, já é mais do que tempo de começar a conversar formalmente com os dois grupos citados. E também de começar a organizar um programa de atividades para 2009. A lista de sugestões que coloquei na correspondência anterior me parece aproveitável. Sugiro que as Associações dos Bairros São Luiz e Bandeirantes procurem a Regional, tentando dar início à discussão do assunto, pois foi aberta uma oportunidade para tanto. A arborização prevista para a área é escassa e acho difícil utilizá-la adequadamente com o clima que temos em Belo Horizonte, com muito sol e poucos dias encobertos. Não estou falando de uma arborização de alta densidade, mas de uma escolha seletiva de árvores de longa vida. A Prefeitura certamente tem profissionais competentes para tanto e poderia fazê-la. Ocorre-me que esta seria uma oportunidade para que nosso Prefeito deixe marca indelével no nosso bairro, digna de placa comemorativa, mais do que uma árvore de Natal metálica, eventualmente interessante à noite.

O “espaço” será dotado de uma lanchonete e sanitários. Bom, mas isto irá requerer vigilância e limpeza permanentes (o que significa despesas). O Sr. Lessa informou que a venda de bebidas alcoólicas no local depende de autorização municipal. Faço votos para que o bom senso prevaleça e que os moradores das proximidades mantenham uma postura cooperativa e vigilante.

Silvestre Paiano

Reciclagem de óleo

Achei fantástica a iniciativa da Associação de aderir à campanha de reciclagem de óleo, através da atitude da moradora Ivone Flores. Parabéns!! Um verdadeiro exemplo de liderança. Gostaria muito que vocês nos orientassem sobre a forma como poderei levar o óleo.

Cacilda

Ótima idéia! PARABÉNS!!!

Raquel Raso

Achei a campanha da Recóleo muito bacana. Ontem fiquei sabendo através de uma vizinha que na Av. Santa Rosa somente ela e outra vizinha fazem a seleção do lixo. Triste, não?

Virginia

A iniciativa da Associação foi sensacional. Estou dentro, já.

Claude Mines

Adorei a idéia da campanha. Toda a equipe da Pro-Civitas está de parabéns por mais essa iniciativa.

Luciana Sabino.

Genial! Ivone Flores merece parabéns e agradecimentos da comunidade!

Maria das Graças Bregunci

Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José

Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG

CEP: 31.270-750

Tel: 3490-4564 - e-mail: pro_civitas@terra.com.br

expediente

Presidente: Juliana Renault Vaz

Vice-presidente: Raquel Teixeira Braga de Souza Goulart.

Diretor Administrativo-Financeiro: Carlos Antônio Quirino.

Conselho Consultivo: Helder Novais, Paulo Emílio Gaissler e Taís Cunha.

Conselho Fiscal: Claude Mines, Éder Figueiredo, Hélio Gonçalves, José Afonso Assumpção, José Flávio Barbosa e Fátima Cassis.

Produção: C.R.I.A. UFMG Jr.

Projeto Gráfico: Cláudia Mendonça.

Diagramação: C.R.I.A UFMG Jr.

Projeto Editorial: Cláudia Mendonça, Flávia Reis e Sílvia Dalben.

Apuração, Redação e Edição: Denise Teixeira, Fábio Megale, Fernanda Brescia, Larissa Arantes, Pabline Felix, Pedro Nogueira, Rodrigo Pitta.

Fotografia: Fernanda Brescia, Larissa Arantes, Pedro Nogueira, Denise Teixeira

Jornalista Responsável: Flávia Reis - 12.226/MG.

Periodicidade: Bimestral - Tiragem: 3.000 exemplares.

notícias

Desafio: Pampulha nova para 2009

Reportagem: Fábio Megale e Pedro Nogueira

Pedro Nogueira

Em outubro, o primeiro turno das eleições elegerá grande parte dos novos administradores de Belo Horizonte, entre vereadores e o prefeito da capital. O que a população da Pampulha espera da próxima gestão municipal? O jornal Pro-Civitas conversou com os moradores e levantou os principais pontos que as pessoas acreditam ser prioridade para o próximo governo da capital.

Entre um dos problemas mais citados pelos moradores está o grande número de eventos que ocorrem na região. O Mineirão tem atraído não apenas acontecimentos esportivos, função clássica do estádio, mas também um grande número de *shows* e festas, o que freqüentemente perturba o sossego de quem reside na região. Uma saída para a questão seria a criação de áreas alternativas para eventos na cidade, como foi sugerido por Maria da Penha, comerciante e moradora do bairro São José, que vê nessa alternativa a solução para diminuir essa concentração de eventos na Pampulha e desafogar a região do Estádio Magalhães Pinto.

O Mineirinho, outro grande receptor de eventos de Belo Horizonte, também entrou na pauta. Segundo os moradores, o ginásio está em péssimas condições e necessita de reformas urgentes, já que é um espaço de grande importância para a cidade e movimenta muitas pessoas para a região, com eventos como a feira de artesanato, que ocorre aos domingos. Os moradores lamentam também a quase inexistência de jogos de outros esportes, como por exemplo vôlei ou basquete, no estádio, sem entender o motivo do seu uso ter sido desvirtuado pelo Estado. Também lamentam o desrespeito do Estado, que não cumpre as normas legais de proteção acústica para evitar a poluição



Apesar das reclamações, eventos continuam entre as mudanças exigidas pelos moradores

sonora, uma constante nos eventos que aí acontecem.

A limpeza da Lagoa da Pampulha foi um dos pontos mais lembrados. Embora alguns moradores da região afirmem que a limpeza é feita constantemente e que o problema está na má-educação das pessoas, que continuam descartando todo tipo de lixo nas águas da Lagoa, ela não deixa de merecer atenção especial por parte dos futuros governantes, já que uma das maiores fontes de poluição são os rejeitos despejados por indústrias e esgotos.

A segurança é uma das grandes preocupações dos moradores. “Durante os eventos que ocorrem na Pampulha, o policiamento fica concentrado nos arredores das festas. Aqui dentro dos bairros, o monitoramento fica por conta dos vigias e das guaritas que os próprios moradores pagam,

o que é uma grande falha”, diz o engenheiro e morador da região Claude Mines. Segundo os moradores, alguns indivíduos aproveitaram-se dessa concentração da polícia nas áreas de eventos e infiltram-se nos bairros, gerando essa necessidade de auto-vigilância e ressaltando a importância de uma presença mais efetiva da polícia.

Com relação à presença política na região, os moradores reclamam da ausência de seus representantes no dia-a-dia dos moradores. Segundo eles, os candidatos apenas aparecem na época de eleições, não dando a devida assistência ao longo da gestão. A participação política dos parlamentares eleitos pela população não acontece durante os seus mandatos, de modo que eles não registram a ocorrência dos problemas ao longo do ano e tampouco se

aproximam dos seus eleitores em momentos de necessária defesa de direitos.

O morador Silvestre Paiano traça um perfil dos candidatos ideais para a Câmara dos Vereadores. “Ele tem de ter em mente que cada projeto de infraestrutura deve ser pensado em várias dimensões: custo-benefício nos aspectos pontual e urbanístico mais amplo, além de impactos imediatos e em médio prazo”. O prefeito, por sua vez, deve ser a liderança-modelo para os parlamentares municipais e a população, “inspirando-os por seu exemplo e suas iniciativas, não por campanhas de *marketing*”. É este parlamentar que o morador da Pampulha espera, “que possa agir com independência frente aos grandes grupos econômicos e com seus interesses intimamente ligados à população”, diz Paiano.

Reportagem: Fernanda Brescia e Larissa Arantes

Fernanda Brescia



Tráfego das avenidas buscam as pequenas ruas dos bairros como solução para o trânsito

O trânsito em Belo Horizonte é, hoje, pauta de intensas discussões entre os urbanistas. Cândido Malta, no livro "Reinvente seu bairro", mostra que existem soluções simples para manter a tranquilidade em áreas residenciais. Em dez anos, a frota de veículos aumentou 67%, ou seja, passou dos 623 mil automóveis para os atuais 1,045 milhões. Este fato fez com que a capital mineira apresentasse uma das maiores proporções de automóveis por habitante: um carro para cada 2,4 indivíduos, superando até mesmo São Paulo, que possui cerca de 1,78 carros para cada habitante. De acordo com o Departamento de Trânsito de Minas Gerais (Detran-MG), Belo Horizonte possui uma média de 400 emplacamentos por dia, cerca de 12 mil por mês e, além desse, alguns fatores contribuem

para que essa situação se agrave cada vez mais. Uma delas é a carência de linhas de ônibus e a reduzida abrangência do metrô, que atende a poucas regiões da cidade. O contingente automotivo é formado por 80% de carros e os 20% restantes se dividem entre os demais automóveis, inclusive ônibus e motos.

Uma das localidades que possui tráfego mais intenso da cidade é a Pampulha, região tradicionalmente movimentada. O local comporta importantes pontos turísticos, como Mineirão e Mineirinho, e também é bastante visado para outros eventos. Por estes motivos, o fluxo de automóveis aumenta consideravelmente em dias de festa, *shows* e jogos. O que vem acontecendo há algum tempo é que os congestionamentos ocorrem frequentemente e têm migrado das vias

de grande porte para as estreitas ruas dos bairros, principalmente dos bairros São Luís e São José. Essa movimentação, que visa facilitar a vida dos motoristas, ocorre todos os dias da semana e em muitos horários, o que acaba interferindo diretamente no dia-dia dos moradores. A escassa sinalização e as obras rotineiras da região agravam o intenso fluxo automotivo, colocando em risco não só a qualidade de vida dos habitantes dessas ruas, como também a segurança dos mesmos. A constante ocorrência de filas duplas, dificuldade de travessia e atropelamentos preocupam os moradores, os quais buscam soluções concretas.

Uma reclamação recorrente dos residentes da região do São Luís e São José é o tráfego intenso nas pequenas ruas, que não se restringe mais apenas aos horários de *rush*. Essa situação fica mais evidente nas alamedas das Palmeiras e Princesas, bem como na Av. Coronel José Dias Bicalho, as quais são vias próximas à Avenida Abraão Caram. Estas são as principais coletoras de trânsito daqueles que tentam fugir dos congestionamentos. Se os desvios não existissem, os motoristas deveriam seguir pela avenida, em toda a sua extensão, para alcançar seus destinos. E é exatamente isso que não vem acontecendo atualmente.

Segundo o morador Paulo Emílio Gaessler, a situação se agrava também nas alamedas

dos Coqueiros e do Ipê Branco, e especialmente nessa última, uma vez que nela estão presentes uma escola e um ponto da linha de ônibus 5401. Antigamente, "o fluxo de carros era intenso apenas nos horários de *rush*, por volta de meio-dia e a partir das cinco horas da tarde", afirma ele. Mas, desde 2001, o trânsito intenso acontece durante todo o dia. O morador Rubem Rodrigues diz já ter procurado a BHTrans e a Prefeitura de Belo Horizonte diversas vezes, mas não obteve nenhum resultado eficiente. "A solução para o problema que vivemos é simples, é uma questão de melhoria da sinalização", afirma Rubem.

Uma possível solução

A solução, indicada por Paulo Emílio, é produto de um estudo que mostra que a transformação das ruas mais utilizadas em vias de contramão já resolveria o problema. "O custo é praticamente zero", relata Paulo Emílio. O morador critica a burocracia dos órgãos governamentais da cidade, o que resulta na lentidão para análise e aplicação de novos projetos. Ele ressalta, ainda, que os problemas são pontuais, mas que uma possível solução abrangeria uma grande área. O estudo feito resume-se, basicamente, em impedir a entrada de veículos nas pequenas vias, a partir da implantação de sinalização de contramão nas ruas que servem de conexão entre as avenidas

Pampulha

Solução para se livrar do tráfego intenso

mais congestionadas e as vias de dentro dos bairros São Luís e São José. Esse remanejamento resultaria no isolamento das principais alamedas - Ipê Branco, Jacarandás, Latânias - e, conseqüentemente, na "proteção" do trânsito local.

Outros problemas

O fluxo maior de veículos nas vias menores da região da Pampulha soma-se a uma série de problemas da região. Segundo a moradora Regina Chalfun, além da grande quantidade de automóveis, a falta de quebra-molas é estímulo à alta velocidade. "Algo que só agrava essa situação é a forte presença de veículos de grande porte, como caminhões", completa Regina. Além da poluição sonora causada pela enorme frota de veículos, os moradores ficam prejudicados mesmo para saírem de suas casas. Regina alegou que até a ida à padaria se transformou numa tarefa complicada, tendo em vista o grande número de veículos que ela tem que enfrentar para realizar tal ação. A moradora também confirma os pontos levantados por Paulo Emílio. Ela alega que, além das ruas apontadas como problemáticas, o trânsito também apresenta complicações na Av. Cel. Dias Bicalho, outra via utilizada pelos motoristas que desejam "cortar" seus caminhos.

Causas

Cleusa Rolim, moradora da região do São Luís, acredita

que são três os fatores que prejudicam o trânsito na região: falta de um planejamento efetivo para comportar o aumento no número de veículos, falta de sinalização apropriada e a quase inexistência de quebra-molas. A moradora conta que o fundo de sua casa é direcionado para a Av. Cel. Dias Bicalho e que os motoristas não respeitam a velocidade indicada pelo próprio Detran para a locomoção em vias de pequeno porte. A escolha dos atalhos por parte dos motoristas incentiva, mesmo que de modo indireto, a imprudência no trânsito, uma vez que as pequenas vias não possuem mecanismos de redução de velocidade. Essa relação ficou um tanto complexa "É possível escutar freadas bruscas de carros a todo momento. Nós, moradores, não compreendemos como ainda não aconteceu um acidente mais grave", comenta Cleusa. No entanto, apesar das reclamações de muitos moradores, que se mostraram envolvidos e preocupados com o assunto, medidas concretas ainda não foram tomadas para a resolução do problema.

A burocracia presente em órgãos como a BHTrans é um ponto relevante para a discussão, não só de acordo com o relato do morador Paulo Emílio, como também para Rubem Rodrigues. "Já tentei entrar em contato com a BHTrans e a Prefeitura, mas ambos alegaram não ser possível tomar atitudes imediatas e pediram que eu procurasse pri-

meiro a Associação Pro-Civitas", afirma Rubem. Ele considera que a busca de uma solução viável para o trânsito da região é um dever de todo cidadão que deseje ter uma participação efetiva nas questões da sociedade. Rubem cita também algumas outras ruas afetadas pelo problema: Alameda das Palmeiras e dos Jacarandás

e reforça o relato da moradora Regina com relação à Av. Dias Bicalho. Ele é mais um morador que defende uma solução que considera simples: a sinalização e a instalação de quebra-molas, medidas não muito caras que já facilitaríamos o ir e vir dos moradores.

Dia Mundial sem Carro: uma iniciativa internacional a favor do meio ambiente

Desde 2001, as grandes cidades brasileiras participam do **Dia Mundial sem Carro**, que acontece todo dia 22 de setembro. A iniciativa é conhecida no exterior com o nome de *World Carfree Day* e foi oficializada no ano 2000. Essa idéia, que incentiva as pessoas a mudarem os hábitos de seu cotidiano e a deixarem seus carros na garagem, surgiu na Europa, durante a crise de petróleo dos anos 70.

O movimento visa provocar reflexão sobre o uso irracional dos automóveis, sobretudo nos centros urbanos, e os problemas causados a partir da banalização dos efeitos nocivos ao ambiente. A campanha tem como objetivo conscientizar a população para a importância do combate à poluição do ar e à emissão excessiva de gases poluentes, os quais potencializam o Efeito Estufa. Além disso, os organizadores estimulam a escolha por transportes não-motorizados e sustentáveis, dentre os quais a bicicleta é o mais vantajoso.

Atividades como passeios ciclísticos, caminhadas, gincanas

para crianças e distribuição de panfletos complementam o Dia Mundial sem Carro, difundindo a idéia sobre o uso consciente dos automóveis e mobilizando ainda mais pessoas. No ano passado, o passeio ciclístico contou com cerca de 200 participantes que realizaram um percurso de 13km. Houve uma concentração de ciclistas na Praça Sete e eles seguiram por várias avenidas do centro de Belo Horizonte. A pedalada foi acompanhada por batedores da Polícia Militar, que garantiram a segurança das pessoas envolvidas no movimento. Outra iniciativa interessante proposta pela organização do evento foi o concurso de frases, que mobilizou muitas pessoas. As frases, relativas ao meio ambiente, deveriam ser estampadas em plaquetas afixadas nos guidons das bicicletas.

Fique atento: nesse ano o evento deve ter novidades para os interessados em cuidar do meio ambiente.

Saiba mais nos sites:

www.mountainbikebh.com.br e
www.worldcarfree.net/wcfd/

artigo

Pampulha: 65 anos

Em oportuna reportagem, o jornal HOJE EM DIA lembrou os 65 anos da Pampulha comemorados no dia 16 de maio. Mas junto à lembrança da beleza do local, verdadeira referência para o belo-horizontino, uma notícia traz preocupação. Junto ao Clube da Caixa Econômica e do Parque Guanabara, foi anunciada a construção de um parque de 16 mil m². Isto pode ser um bem, mas também pode transformar-se num mal que ameaçará as obras ali expostas.

Uma autoridade municipal informou que o parque servirá para eventos esportivos e culturais. Todos sabem, e isto é uma regra elementar de urbanismo, que os acontecimentos esportivos não convivem com locais que possuem obras de artes descobertas, permanentemente à mostra, como é o caso da Igreja São Francisco e do complexo arquitetônico. A presença de multidões requer condições especiais de segurança e defesa do patrimônio público, que nossas autoridades nem sempre estão aptas a prestar. Shows de música ao ar livre trarão desconforto ao entorno, que é tipicamente residencial. A proximidade aos monumentos pode sujeitá-los a ataques, principalmente se forem abertos bares e restaurantes que reterão o público no local por mais tempo.

Se o parque for direcionado para o lazer e acolhimento das pessoas que vão se divertir será muito bem vindo. Se acrescentar outras atividades, sua finalidade pode e deve ser questionada, inclusive judicialmente. A orla da Pampulha já é por si mesma um imenso parque natural, cheio de belezas naturais.

Quem passar pela Otacílio Negrão de Lima nos fins de semana ou no fim da tarde vai ver um trânsito intenso que não permite mais, em certos pontos, qualquer atividade. Poluição e barulho tomaram conta de tudo. Há muitos anos a população espera por "estudos" para a melhoria e o alívio do tráfego na região. Entram e saem administradores e tais promessas nunca aparecem. Como falar em "cartão postal" se nem mesmo a mais elementar medida, que é a ordenação de veículos para que as pessoas possam exercer seu legítimo descanso de paz e lazer, é respeitada?

As comunidades devem estar alertas sobre a construção do novo parque. Pode ser mais um elemento perturbador da paz e da beleza da região. É preciso que as autoridades ouçam os representantes dos bairros e as lideranças populares. A Pampulha é um bem de todos nós.

Antônio Álvares da Silva

Professor da Faculdade de Direito da UFMG

notícias

O difícil dilema dos edifícios

Reportagem: Pabline Felix

Se Belo Horizonte tem bairros tão grandes que se confundem com cidades, como o Barreiro, o contrário também acontece. O bairro São José possui aproximadamente 20 quarteirões, delimitados pelas avenidas Cel. José Dias Bicalho e Antônio Abraão Caran. Constituído majoritariamente por casas e pequenos prédios, há aproximadamente quatro anos seus moradores enfrentam uma disputa pela presença ou não de altos edifícios na região.

Até três anos atrás, era proibida a construção de edifícios no bairro, mas segundo a moradora Maria da Penha Figueiredo, a pressão de construtoras sobre os órgãos municipais provocou uma mudança na lei de ocupação e uso do solo. A partir de então, tornou-se possível a construção de prédios de um lado da rua Roquete Mendonça e dos dois lados na Artur Itabirano. A justificativa para tal disputa tem razões econômicas, segundo Sebastião Cássio, corretor de

imóveis há 8 anos. "Os poucos lotes da região são muito valorizados, o que torna empreendimentos deste tipo muito lucrativos", diz.

Taís Cunha, moradora da região há 25 anos, sofre com a construção de um prédio de cerca de 14 andares em frente à sua casa. Para ela, a mudança na legislação provocou uma descaracterização do bairro, que era em sua maioria composto por casas. O que os moradores alegam é que, devido à largura das ruas do bairro, o aumento do número de moradores traria um afogamento do trânsito da região, resultando em problema tanto para os antigos, quanto para os novos moradores.

Além disso, Taís lembra que a especulação imobiliária da região aumentou enormemente

com a mudança da lei. "Hoje, minha casa tem uma área muito maior do que a destes apartamentos, mas vale muito menos, pois estas construções são recheadas de luxo", reclama, e esse é justamente o ponto de preocupação de muitos moradores, que temem que, em função da questão monetária, as tradicionais casas do bairro sejam demolidas para dar espaço aos lucrativos edifícios.



Construções na região preocupam moradores

Fernanda Brasilia

Futebol sem graça, esforço surpreendente

Reportagem: Pabline Felix

Luzes, música, imprensa e celebridades. Se faltou futebol no pé dos jogadores, a organização do jogo Brasil e Argentina fez de tudo para garantir uma grande festa verde-amarela no Mineirão, na quarta-feira 18 de junho.

As atrações preparadas para o evento começaram já no lado de fora do estádio. A iluminação exibida dias antes encantava não só os moradores da região, mas todos os que passavam pelas proximidades. No dia do jogo, mais surpresas: a homenagem à primeira conquista da Copa do Mundo trouxe várias personalidades ao estádio, como os capitães campeões da Seleção e os jogadores Romário, Ronaldinho Gaúcho e Pelé, que recebeu um tributo especial por sua brilhante trajetória na Seleção. Os

shows de duas bandas mineiras também animaram os torcedores antes e no intervalo do jogo. O reforço do policiamento dentro e fora do estádio e a proibição da venda de bebidas alcoólicas no entorno do estádio também foram medidas cautelares tomadas pela organização do evento.

Segundo Rogério Bertho, assessor de imprensa da ADEMG (Administração dos Estádios de Minas Gerais), a intenção da oferta de tantas atrações era trazer os torcedores para a festa mais cedo, evitando problemas de congestionamento e entrada tumultuada. E o esquema funcionou: com os portões abertos às 18 horas, cerca de 2h50m antes da partida, a maioria das pessoas chegou mais cedo ao Mineirão para aproveitar a festa e fugir de problemas.

Na saída, o mesmo não aconteceu. O estudante Nikola Joncew demorou cerca de 2 horas até sua casa, localizada na zona Sul da cidade, trajeto que seria cumprido em cerca de 30 minutos num dia normal. Mesmo assim, Nikola reconhece que, dada a dimensão do evento, "se a organização fosse igual a dos dias normais de jogo, seria muito pior".

No dia seguinte, apenas a lembrança do insuficiente resultado esportivo preocupou os moradores. Um caminhão de limpeza lavou as ruas do entorno do estádio, garantindo que toda sujeira fosse levada, e não houve registros de reclamações por depredação ou brigas na região. O esquema diferencial obteve tanto sucesso que já se discute a realização de mais jogos importantes no estádio.

notas

NOVOS RADARES

A partir de 4 de agosto, a BHTrans começa a colocar em teste os novos radares e equipamentos de fiscalização eletrônica. Um dos equipamentos será testado nas proximidades da Av. Abraão Caram. Mais de 50 radares fixos e outros equipamentos serão instalados em toda a cidade.

MOBILIDADE POLICIAL

Os 24 Postos de Observação e Vigilância da Polícia Militar serão desativados com o objetivo de oferecer maior mobilidade ao policiamento na cidade. Como bases fixas, são consideradas estratégias estantes de policiamento. Existem três cabines nas proximidades da região da Pampulha: na Avenida Antônio Carlos, próximo ao Barra Beer, na Avenida Carlos Luz, ao lado do Carrefour, e na Av. Novara, no bairro Bandeirantes.

TRADIÇÃO NIPÔNICA

Foi inaugurado um Jardim Japonês nas instalações da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, na Pampulha. O projeto paisagístico, inspirado na arquitetura japonesa tradicional, apresenta elementos como uma casa de chá e um lago com carpas coloridas. No dia 23 de junho, o Jardim recebeu a visita do Príncipe Naruhito, herdeiro do trono do Japão, acompanhado do governador Aécio Neves, do prefeito Fernando Pimentel e grande comitiva.

ACIDENTES

Crescem em número assustador, no início das manhãs, e em diferentes esquinas das cada dia mais movimentadas alamedas das Princesas e dos Coqueiros - corredores de trânsito alternativos à saturada Av. Otacílio Negrão de Lima. Enquanto isso, a BHTrans dorme...

entrevista

"O nosso negócio é o meio-ambiente"

Reportagem: Pabline Felix

Nívia de Freitas é sócia da empresa Recóleo e exemplo de empreendedorismo consciente.

Jornal Pro-Civitas: O que é a Recóleo?

Nívia de Freitas: A Recóleo Coleta e Reciclagem de Óleos Vegetais Ltda. é uma empresa privada cujo negócio é o meio ambiente. A nossa matéria-prima é o óleo doméstico (aquele utilizado em frituras) que vem de empresas, cozinhas industriais e residências, e nós transformamos esse produto, que normalmente seria descartado na rede de esgoto, em ração animal. O óleo chega até a empresa através da nossa logística de recolhimento, que atende a toda a grande BH com carros e motocicletas. Em troca do óleo recolhido, nós recompensamos o fornecedor com produtos de limpeza ou com outros benefícios que lhe forem mais convenientes. Além disso, a Recóleo também desenvolve pesquisas com biodiesel e faz campanhas de conscientização ambiental nas escolas da região.

JP: A empresa desenvolve algum tipo de pesquisa?

NF: Temos uma parceria com o CETEC – o Centro Tecnológico de Minas Gerais –, que desenvolve estudos nessa área, e com a FAPEMIG e a UFMG, que oferecem apoio tecnológico no desenvolvimento e aperfeiçoamento da empresa. Gostaríamos de ter a COPASA como investidora, pois o nosso trabalho diminui muito a despesa deles com limpeza da rede de esgoto. Só dentro da grande-BH, a Recóleo coleta 35 mil litros de óleo/mês, e cada litro de óleo pode poluir um milhão de litros de água. Portanto, o potencial poluidor desse resíduo é enorme e nós damos um destino ecologicamente correto para isso, retirando-o do meio ambiente.

JP: Quais os principais problemas enfrentados pela empresa?

NF: A concorrência desonesta nos atrapalha muito. Existem diversas empresas entrando no mercado sem estarem aptas para fazer essa coleta. Os nossos concorrentes oferecem mais benefícios em troca do óleo do que a nossa empresa, mas o que se há de entender é que a Recóleo tem licença ambiental, faz tudo conforme a legislação, enquanto a concorrência não registra os funcionários, não paga impostos.

JP: A Recóleo desenvolve projetos educativos?

NF: Temos um projeto nas escolas da Pampulha de distribuição de cartilhas de orientação sobre a importância da reciclagem de óleo. A intenção da empresa é fazer um trabalho de conscientização sobre o assunto para ajudar no esclarecimento das crianças e dos pais. Além da conscientização, também existe a etapa da coleta nas escolas. Nós trocamos o óleo por com-

... se nem todos reciclam, com certeza resíduos poluentes são gerados.

putadores ou por dinheiro para ser investido em festas de formatura, o que serve de incentivo para as mães colaborarem, já que afeta o bolso delas na hora de pagar. E nas escolas mais carentes, a gente troca até por uniformes: a mãe vai acumulando o "vale-óleo" e pode trocar por uniforme para o filho.

JP: Como tem sido o envolvimento das pessoas?

NF: Quando a gente começou a empresa, ninguém queria contribuir. Hoje, com a conscientização dos gerentes de restaurantes e nosso esquema de permuta de óleo por produtos de limpeza, temos uma grande adesão. Também temos convênio com grandes empresas, como McDonalds, Gransaporo, cozinhas industriais, Petrobrás, Fiat, Betim Gás, SuperNosso, Carrefour e

Arquivo Pessoal



Nívia de Freitas: empreendedorismo responsável

Epa. Hoje em dia, quase toda empresa tem um responsável pela área ambiental, que já costuma nos procurar para saber como contribuir. Porque é importante destacar que, se nem todos reciclam, com certeza resíduos poluentes são gerados.

E para aumentar a participação, temos um projeto de colocar postos de coleta de óleo em supermercados, escolas e postos de gasolina. Nas escolas, para promover a educação ambiental e conseguir que as crianças conscientizem seus pais. No supermercado, porque eles têm uma responsabilidade social sobre esse óleo: se eles vendem esse óleo que polui, eles têm que ajudar a coletar isso de volta. E nos postos de gasolina porque eles têm interesse no biodiesel que nós tentamos desenvolver.

JP: Como o morador, com sua pequena produção de resíduo, pode contribuir com a Recóleo?

NF: Para quem não quiser acumular a quantidade mínima de 5 litros para nossa empresa recolher na residência (através do Disque-Recóleo, 3418-5790), basta levar qualquer quantidade ao posto de coleta mais próximo. No caso dos moradores dos bairros São Luís e São José, foi feita uma parceria com a Pro-Civitas. As contribuições serão recebidas nos coletores cedidos à Associação, instalados na loja Dama da Noite (endereço no box da pág. 8)

bairro-a-bairro

Em clima de Copa do Mundo

Reportagem: Denise Teixeira e Rodrigo Pitta

BH já se prepara para receber a Copa do Mundo de 2014: metrô, Mineirão e avenidas reformadas.

O Brasil, único candidato a país-sede para a Copa do Mundo de futebol em 2014, já começa a planejar mudanças para se adequar às exigências da FIFA (sigla de *Federation Internationale de Football Association*, a instância internacional que dirige as associações de futebol). Com a possibilidade de ser palco de jogos, Belo Horizonte também deve passar por reformas de infra-estrutura.

As obras previstas para a cidade começam a ser discutidas e já foi realizado um seminário com autoridades do futebol e órgãos governamentais para tratar do tema. Foram identificadas as necessidades da construção de uma linha de metrô ligando as regiões da Pampulha e Savassi, da realização de obras de reestruturação do complexo Mineirão-Mineirinho e de intervenções em ruas e avenidas para a melhoria do trânsito.

O plano para a nova linha do metrô é antigo, mas só agora recebe maiores atenções. As melhorias no transporte são consideradas essenciais para a cidade ser confirmada como uma das sedes. A previsão é de que até dezembro seja feita a licitação para a construção da linha 3, entre os bairros da Pampulha e da Savassi. De acordo com a sub-secretária de Desenvolvimento Regional e Política



Ampliação do metrô: uma alternativa necessária

Urbana, Maria Madalena Garcia, o projeto foi apresentado para o governo federal por Aécio Neves, e já está aprovado. O plano está na fase de modelagem, que são estudos feitos para verificar a viabilidade do metrô. "Como toda obra grande, essa pode trazer transtornos para os moradores da região, mas os benefícios que vai trazer depois de pronta, principalmente para o vetor norte, vão compensar", explica Maria Madalena.

Para adequar as estruturas do Mineirão foi aberta uma licitação para elaboração de estudos preliminares. A intenção é de que tudo esteja pronto até 2010. O site da Secretaria de Esportes e da Juventude divulgou que as mudanças previstas para o estádio são: a ampliação do estacionamento com a construção de vagas cobertas, a instalação de painéis eletrônicos de

última geração, construção de paredes transparentes perto do campo, além de medidas para tornar mais fácil e eficiente o acesso e a segurança.

As obras para a melhoria de tráfego são as únicas que começaram. Entretanto, outras obras já estão sendo planejadas para facilitar o acesso ao estádio. Somente na Avenida Antônio Carlos estão previstas as construções de oito viadutos e uma trincheira, com conclusão em 2011. O projeto, de responsabilidade do governo municipal, ainda não foi iniciado. As associações dos bairros impactados pelas obras esperam participar desse planejamento.

O Comitê Organizador da Copa deverá anunciar até março de 2009 as cidades que receberão os jogos do mundial de futebol.

você sabia...

Segundo dados da ABRASEL - Associação Brasileira de Bares e Restaurantes -, a cidade de Belo Horizonte possui em torno de dez mil estabelecimentos de alimentação, os quais respondem como os principais geradores de resíduo de óleo descartado na rede de esgoto.

Quando rejeitado indevidamente, este resíduo acumula-se nos encanamentos, causando entupimentos, refluxo de esgoto e até o rompimento das redes de coleta. Então, é necessário usar substâncias químicas altamente tóxicas para desentupir essas vias, o que além de encarecer o tratamento da água, também causa prejuízos ao meio ambiente.

Entre os vários prejuízos ambientais, destaca-se a ação sobre a cadeia alimentar aquática. O óleo, quando nas redes fluviais, cria uma barreira física sobre a água que dificulta a respiração dos peixes e a entrada de luz necessária ao metabolismo dos organismos vivos.

A partir de junho, os moradores dos bairros São José e São Luís já podem colaborar com a Recóleo e com o meio ambiente: a Associação Pro-Civitas fez um convênio com a loja "Dama da Noite", localizada na Av. Cel. José Dias Bicalho, 681, que se tornou ponto de coleta de óleo. A renda obtida será revertida para a associação do bairro.

Jornal da Pro-Civitas



Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José
Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG - CEP: 31.270-750
Tel: 3490-4564 - e-mail: pro_civitas@terra.com.br